

Possibilidade de conversão eleva cotação da dívida

Consuelo Dieguez

BRASÍLIA — A repentina elevação da cotação dos títulos da dívida externa brasileira no mercado internacional, que em apenas uma semana subiram de US\$ 23 para US\$ 29 (para cada cem dólares), teve uma razão bem mais concreta do que o discurso liberalizante do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, em seu périplo ao redor do mundo para conseguir apoio ao seu governo. O verdadeiro motivo, que vem sendo mantido em segredo pelo governo brasileiro para evitar uma elevação ainda

maior na cotação dos títulos, é a intensa movimentação com papéis brasileiros no mercado secundário de créditos da dívida externa. Essa movimentação justifica-se pelas novas operações de conversão de dívida externa que vêm sendo feitas entre bancos e empresas brasileiras com os bancos credores.

As operações são inovadoras e estão sendo feitas basicamente por bancos credores que não querem mais participar dos processos de negociação da dívida externa brasileira. As negociações começaram há cerca de seis meses e já resultaram em um abatimento de US\$ 200 mi-

lhões na dívida do país. Os processos em andamento, porém, já ultrapassam US\$ 2 bilhões. A grande novidade deste tipo de conversão é que se trata de uma solução estritamente de mercado, em que a participação do Banco Central se limita a orientar os bancos e empresas brasileiras a conseguirem vantagens maiores nas transações.

A primeira operação de conversão via mercado foi concluída na semana passada entre um grande banco brasileiro e um americano, no valor de US\$ 200 milhões. O credor possuía uma linha de curto prazo no Brasil de US\$ 200

milhões e repassou este crédito com um desconto de 15% para o banco brasileiro. Em troca, a instituição brasileira entregou à americana bônus emitidos pelo Banco Mundial (Bird), conhecidos como *zero coupon bond*, com taxa fixa e prazo de resgate de 15 anos. Ao final destes período, o banco americano resgata os papéis no valor de US\$ 170 milhões, já que os bônus do Bird se valorizam ano a ano.

A grande vantagem desta operação para o Brasil é que o banco brasileiro comprou os bônus do Banco Mundial por US\$ 35 milhões para pagar os US\$

170 milhões. Com os dólares do banco americano nas mãos, o banco brasileiro foi ao mercado e comprou títulos da dívida brasileira, que estão sendo negociados com desconto de 70%, no valor de US\$ 660 milhões. Estes títulos foram entregues ao Banco Central, que passou ao banco brasileiro cruzados novos no valor equivalente a US\$ 170 milhões que serão utilizados em uma linha de financiamento à exportação e importação. O lucro do banco será o resultado dos financiamentos que forem feitos com esta linha.

Toda esta negociação foi feita por-

que, pelo acordo da dívida externa firmado em 1988, o governo está proibido de ir ao mercado e comprar sua dívida com desconto. Os bancos privados nacionais, no entanto, não sofrem este constrangimento. O resultado é que o Brasil está pagando dívida com desconto e em cruzado.

Este tipo de conversão está sendo feita também por empresas estatais brasileiras. A Siderbrás está concluindo uma operação de lançamento de papéis de sua dívida com aval do Citibank, no valor de US\$ 1,2 bilhão, e a Vale do Rio Doce fez uma conversão de US\$ 200 milhões ao lançar papéis no mercado internacional.